



Contradições e dilemas do turismo de voluntariado: a experiência na comunidade do Lago do Acajatuba, na Amazônia Brasileira

Contradictions and dilemmas of voluntourism: the experience in the community of Lago do Acajatuba, in the Brazilian Amazon

Flávia Silveira Lenci, Andrea Rabinovici

RESUMO: Entre as modalidades turísticas consideradas responsáveis e sustentáveis há a denominada de turismo de voluntariado ou volunturismo. Esta visa apoiar comunidades locais a partir da ação voluntária organizada por instituições com ou sem fins lucrativos. As experiências com esta modalidade de turismo no Brasil são recentes e por isso observam-se desafios na execução das atividades tendo como base a compreensão dos objetivos finalísticos da atividade, assim como do papel das organizações e dos/as turista(s) e impactos por eles/as causados nas visitas, os quais não têm sido mensurados. Este artigo utiliza parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, a partir da experiência junto à comunidade do Lago do Acajatuba - AM, pertencente à Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro, onde ocorrem atividades de turismo de base comunitária promovidos por uma agência de turismo. A pesquisa objetivou verificar as percepções dos sujeitos participantes das atividades, sejam eles/as voluntários/as, sejam comunitários/as ou membros das organizações que promovem as atividades. A metodologia utilizada foi: 1) pesquisa bibliográfica e documental; 2) mapeamento de instituições atuantes com turismo de voluntariado por meio de pesquisa na internet e método bola de neve; 3) observação direta, com a presença da pesquisadora *in loco* durante uma atividade de turismo de voluntariado realizada pela agência; 4) realização de entrevistas semiestruturadas com comunitários/as; 5) aplicação de questionários aos/às turistas voluntários/as visando compreender suas percepções sobre as atividades realizadas; 6) Seleção das ideias-chave contidas nos dados coletados, sua tabulação e análise. Na visita *in loco* foi possível observar que se trata de uma ação mais focada no turismo com atividades pontuais de voluntariado, o que pode revelar um certo distanciamento quanto à proposta inicial, dificuldades na compreensão do papel do voluntariado e das expectativas dos/as envolvidos/as, além de avaliação incipiente sobre este fazer, o que evidencia a importância de olhares atentos a estes processos que vêm ocorrendo na Amazônia Brasileira e que tem potencial transformador sob diversos aspectos e que, por estes motivos, precisam ser analisados e aprimorados.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho voluntário; Volunturismo; Amazônia; Turismo Sustentável.

ABSTRACT: This article uses part of the results of a master's research, based on the experience with the community of Lago do Acajatuba - AM, belonging to the Rio Negro Sustainable Development Reserve, where community-based tourism activities take place, promoted by a tourism agency. The research aimed to verify the perceptions of the subjects participating in the activities, whether they are volunteers, community members or members of organizations that promote the activities. The methodology used was: 1) bibliographic and documental research; 2) mapping of institutions operating with volunteer tourism through internet research and the snowball method; 3) direct observation, with the presence of the researcher in loco during a volunteer tourism activity carried out by the agency; 4) conducting semi-structured interviews with community members; 5) application of questionnaires to volunteer tourists in order to understand their perceptions about the activities carried out; 6) Selection of the key ideas contained in the collected data, their tabulation and analysis. In the on-site visit, it was possible to observe that this is an action more focused on tourism with occasional volunteering activities, which may reveal a certain distance from the initial proposal, difficulties in understanding the role of volunteering and the expectations of those involved, in addition to an incipient assessment of this action, which highlights the importance of paying close attention to these processes that have been taking place in the Brazilian Amazon and that have transformative potential in several aspects and which, for these reasons, need to be analyzed and improved.

KEYWORDS: Volunteer Work; Voluntourism; Amazon; Sustainable Tourism.

Introdução ao tema e metodologia da pesquisa

O turismo é considerado um dos setores com atividades geradoras de renda e com grande potencial econômico (MAKANSE; ALMEIDA, 2014), e, a partir da mercantilização da paisagem e da natureza, como um produto, torna-se mais que uma atividade socioeconômica, um símbolo de desejo e de significado para a sociedade de consumo (CAMARA, 2017).

Natureza e a paisagem se tornam mercadorias, e a relação ser humano-natureza passa por um desejo de consumo turístico, onde paisagens naturais e culturais são vendidas e os territórios são transformados pelo consumo do espaço via atividades de turismo.

Quando se trata do turismo e dos territórios onde este ocorre, deve-se entender que sua manifestação está ocorrendo em variadas formas e escalas. É considerado um fenômeno complexo, com diferentes atores sociais, por isso sua atuação nos territórios deve ser o ponto principal de discussão, observando-se as histórias e os diferentes atores sociais locais.

Na tentativa de minimizar os impactos negativos ocasionados pelo setor turístico, diversas formas alternativas de realizá-lo são propostas e implementadas buscando obter a chancela da sustentabilidade, via melhores práticas. É nesta lógica que são anunciados novos segmentos, entre eles o turismo de voluntariado, também denominado de volunturismo, muitas vezes associados a outras modalidades de turismo, como por exemplo o Turismo de Base Comunitária (TBC), o ecoturismo entre outros.

Ao focarmos no TBC, temos que seu objetivo maior é o benefício às comunidades locais, sejam elas residentes ou não nas Unidades de Conservação.

Toda uma argumentação foi produzida para atrelar o conceito de desenvolvimento sustentável ao turismo, tentando aliar empreendedorismo e conservação, comércio justo e economia solidária assim como cooperação, protagonismo e participação - com qualidade - dos/as comunitários/as ao longo de todo o processo de criação e de implementação de atividades de turismo. É com base em um processo dialogado e participativo que se dará o tom, o formato e o alcance das atividades, bem como o empoderamento comunitário nas parcerias com instituições atuantes ou pretendem trabalhar com turismo no local, sejam elas com ou sem fins lucrativos (MINARI, RABINOVICI, 2014).

O Turismo de Base Comunitária e o ecoturismo estão entre as modalidades de turismo consideradas sustentáveis e responsáveis ao seguirem as premissas que os regem. Quando atividades de turismo acontecem em comunidades tradicionais, dentro ou no entorno de áreas protegidas, merecem especial atenção quanto à questão da sustentabilidade socioambiental, além, claro, da coerência entre o que está sendo realizado de fato e o que preconizam os conceitos e os princípios destas formas de gestão do turismo.

Já o turismo de voluntariado surge como alternativa de unir o setor do turismo às ações sociais (NASCIMENTO, 2012). Espera-se das viagens deste tipo, a geração de impactos positivos nas comunidades e nas localidades onde ocorre. Impactos do turismo já são bastante conhecidos e descritos por diversos/as autores/as e neste artigo, compreendemos como sendo alterações culturais, sociais, ambientais entre outras, com capacidade de transformar a realidade e a qualidade de vida, tanto das comunidades visitadas, quanto também a dos/as visitantes.

É conhecido o apelo entre alguns/mas consumidores/as por atividades relacionadas à promoção de ações e produtos considerados social e ambientalmente corretos e sustentáveis, e, neste sentido, algumas empresas que atuam com turismo têm organizado atividades que prometem benefícios às comunidades, bem como aos/às próprios/as turistas, ao fazerem algo voluntário e altruísta.

Ao mesmo tempo em que são anunciadas e implementadas, estas propostas merecem um olhar reflexivo e crítico visto que muitas dicotomias, contradições e dilemas podem ser encontrados neste fazer, a depender da forma como é realizado, considerando que em qualquer atividade e segmento de turismo, haverá um processo de interferência nos lugares, podendo ocasionar impactos negativos e ou positivos de acordo com o ponto de referência.

Quando se trata de turismo de voluntariado esta questão é particularmente importante porque, como mostram Tomazos e Butler (2011), deve-se analisar as motivações das empresas e das organizações para que não tornem a atividade como apenas um novo segmento de mercado, vendendo a imagem de um voluntariado solidário e altruísta, porém que segue a mesma lógica do turismo de massa. Sendo seu foco maior a obtenção de lucro, a modalidade apresentada funcionaria somente como um chamariz, capaz de atrair mais consumidores/as, tal como ocorreu na década de 1990 quando o prefixo “eco” era utilizado para associar a imagem das empresas às práticas ambientalmente corretas, mesmo sendo elas, por vezes insustentáveis.

Segundo Macedo (2011), o voluntariado, apesar de ter uma perspectiva de ações sociais, deve atentar para os fundamentos que estão por trás das práticas, observar como esse trabalho voluntário irá se expressar nos projetos, pois a depender

do viés das ações e do nível de participação comunitária, os impactos gerados podem ser diferentes do que aquilo que se propõe.

Questionar quais os conhecimentos que voluntários/as têm sobre o trabalho a ser realizado no projeto, quais informações são mobilizadas e compartilhadas para a realização a contento das atividades propostas, bem como qual a real demanda pela ação e seu poder de transformação para as comunidades alvo é algo que precisa ser feito sempre que se propõe a ofertar atividades de turismo de voluntariado (MENDES; SONAGLIO, 2013).

Apesar do interesse, do debate e do crescimento deste segmento ou modalidade, as pesquisas sobre o tema precisam continuar com investigações mais aprofundadas acerca das ações que são realizadas no turismo de voluntariado, e quais destas merecem o apoio e atenção, como sugerem Wearing e McGehee (2013). Há a necessidade de se reavaliar o que é considerado como turismo de voluntariado, e de pesquisar e analisar os diferentes nichos do setor para uma melhor compreensão sobre o tema (STANTON, 2016).

Holmes (2021) afirma que ainda existe uma lacuna de pesquisa e de necessidades do setor turístico sobre o voluntariado nos diversos contextos e localidades, já que os parâmetros e indicadores em diferentes contextos e realidades são desiguais.

Desta forma, e pelo fato de já existirem atividades de turismo de voluntariado no Brasil e no mundo, justifica-se a necessidade de se pesquisar e aprofundar reflexões sobre este fazer, em especial aquele existente nos estados da Amazônia Brasileira, visto que o número de pesquisas específicas nesta região do Brasil é reduzido ou praticamente inexistente (MARQUES, 2017).

A pesquisa sobre turismo de voluntariado na Amazônia Brasileira como *locus* de estudo, se faz relevante, pois evidencia as diversas ideias, os imaginários e as concepções sobre a Amazônia com as diferentes percepções individuais e construções teóricas e conceituais existentes.

A coleta de dados ocorreu no contexto específico de uma expedição de turismo de voluntariado para a região do Lago do Acajatuba - AM, ocorrida entre os dias 21 e 25/02/2020 com a presença de 47 voluntários/as, organizada por uma empresa de turismo que atua com a venda de pacotes de expedições. Esta foi a 14ª expedição com esta proposta pela empresa ao este local. Este artigo, de caráter qualitativo, objetivou analisar as motivações e percepções dos/as voluntários/as sobre o turismo de voluntariado, bem como o entendimento de membros da comunidade local sobre as atividades na região.

Como metodologia de pesquisa para este fim, foram realizadas: 1) pesquisa bibliográfica e documental para referencial teórico; 2) mapeamento de instituições atuantes com turismo de voluntariado por meio de pesquisa na internet e também pelo método bola de neve, para identificar outras iniciativas; 3) observação direta, com a presença da pesquisadora em campo *in loco* durante uma atividade de turismo de voluntariado; 4) realização de entrevistas semiestruturadas com comunitários/as; 5) aplicação de questionários ao término da expedição aos/às turistas voluntários/as visando compreender as percepções destes/as quanto às atividades realizadas; 6) Seleção das ideias-chave contidas nos dados coletados, sua tabulação e análise. Também foram entrevistados/as especialistas e donos/as de agências, porém neste artigo, o foco se restringe às percepções dos/as turistas e comunitários/as.

Após o mapeamento de diferentes organizações e empresas que atuam com turismo de voluntariado nos estados da Amazônia Brasileira, a expedição para o Lago do Acajatuba - AM foi escolhida com base na programação da empresa e as datas de disponibilidade para a pesquisa, como também o aceite da agência permitindo o acompanhamento da viagem com a finalidade de pesquisa. Segundo informações do representante da empresa, o local recebe ações de volunturismo desde 2016.

O Lago do Acajatuba (Figura 1), localizado no município de Iranduba - AM, a 80km de Manaus, está situado na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro. As Unidades de Conservação são uma das estratégias adotadas para a proteção e uso sustentável dos recursos naturais, visto que áreas como a da Floresta Amazônica vêm passando por pressões socioambientais e transformações dos ambientes naturais há muito tempo, causando impactos diretos a todos/as que residem na região e seus entornos (BORGES; PINHEIRO, 2001).

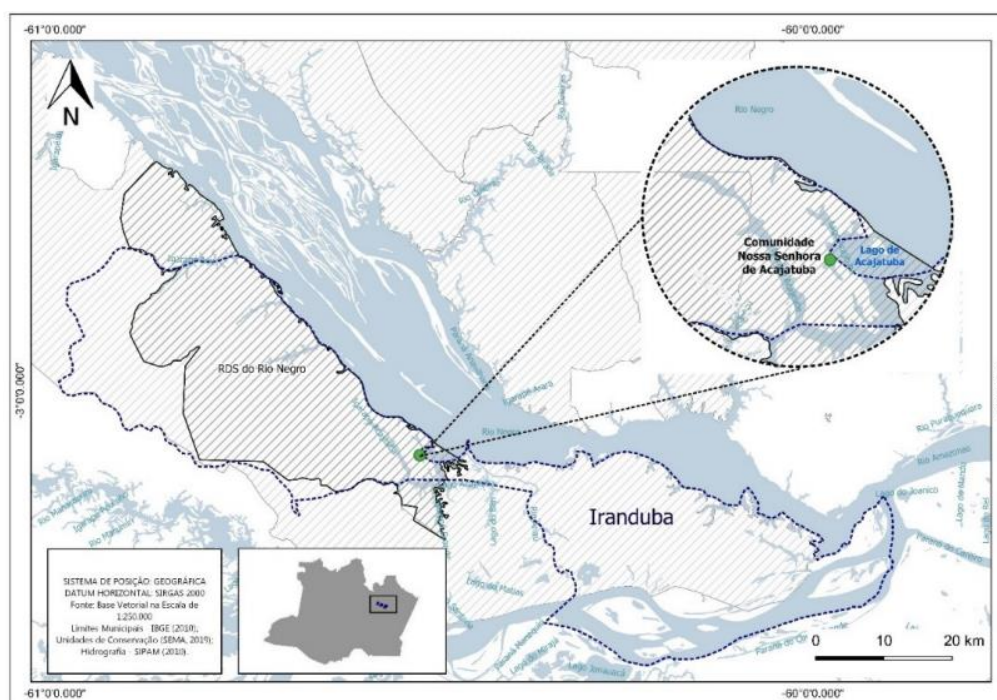


Figura 1: Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do Lago do Acajatuba, Iranduba – AM
Figure 1: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro and Lake Acajatuba Community, Iranduba - AM
Fonte/Source: Silva *et al.* (2020)

As áreas no entorno de abrangência do Rio Negro, por sua proximidade com Manaus - AM, têm uma procura pelos/as turistas devido às belezas naturais da região (BORGES; PINHEIRO, 2001).

Iranduba possui 42 comunidades (SIMONETTI, 2015), com a estimativa populacional de 49.718 (IBGE, 2021)¹. No entorno do Lago do Acajatuba encontra-se a Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde moram 85 famílias (aproximadamente 220 pessoas), e é o local onde se hospedam turistas voluntários/as e são realizadas parte das atividades de voluntariado.

Segundo dados do Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro (PGRDS) de 2016, a área que abrange a RDS tem um potencial turístico dada à sua biodiversidade, as trilhas nas florestas, passeios de canoas, praias naturais, como também em razão da infraestrutura existente para receber turistas.

O turismo já ocorre na região há um tempo. Segundo relato de moradores/as locais, o turismo já era fonte de renda e teve maior expansão nos anos de 1990, a partir do surgimento de hotéis no entorno, atraindo um público numeroso de visitantes internacionais, e incluindo as comunidades locais em seus roteiros turísticos. Foi durante os anos 2000 que a situação se modificou com a diminuição do público estrangeiro. Os hotéis fecharam e ocorreram conflitos entre moradores/as e donos/as de hotéis, uma das possíveis causas do afastamento de visitantes da região (SIMONETTI, 2015).

Segundo relato de moradores/as locais, após esse período, o turismo ali já não era mais o mesmo. Passou-se a praticar um turismo considerado pelos/as comunitários/as como não sustentável, com desrespeito às comunidades locais e à região, motivo pelo qual estas foram em busca de novas alternativas.

Segundo Lenci (2021) atualmente o turismo vem sendo realizado com o apoio do governo, de organizações do terceiro setor e parcerias com o setor privado. A partir dessas movimentações o turismo na região vêm se modificando juntamente com os empreendimentos locais.

Este artigo inicia apresentando o turismo de voluntariado com seus dilemas e desafios, na sequência é descrita a experiência da expedição de uma empresa de turismo e aspectos do trabalho por ela realizado. Em seguida são compartilhados os principais resultados e discussões da pesquisa, focando nas observações tecidas sobre o roteiro de turismo de voluntariado e nas percepções da comunidade local, seguido das principais considerações finais da pesquisa.

Dilemas e Desafios do Turismo de voluntariado

Da união do voluntariado com o turismo surge o turismo de voluntariado, também denominado de “volunturismo”, sendo este caracterizado pela relação de viagem com motivação turística com foco em causas sociais, sendo um novo tipo de experiência (NASCIMENTO, 2012; MAKANSE; ALMEIDA, 2014).

O turismo de voluntariado, em tese, possibilita diversos benefícios, tanto para quem está realizando a ação (turistas), como também para as comunidades locais que recebem os/as visitantes. São esperados benefícios econômicos e outros relacionados à capacitação e ao desenvolvimento da comunidade, além de possibilidades de aprendizado para a mitigação de impactos ambientais e culturais considerados negativos com melhoria da qualidade ambiental e da qualidade de vida (COGHLAN, 2005; BRIGHTSMITHA, STRONZAB; HOLLEC, 2008; BENSON; HENDERSON, 2011).

Lupoli (2013) afirma que o turismo de voluntariado apesar de ser potencialmente benéfico, não pode ser considerado como uma única solução para os problemas locais. Nascimento (2012) ao dialogar com outros/as autores/as, ressalta que, apesar do potencial positivo do turismo de voluntariado, existem práticas realizadas que geram o efeito contrário ao proposto, por uma falta de foco na gestão ou por uma má conduta, que, por priorizar somente os/as turistas, pode deixar de lado os interesses das comunidades receptoras locais.

Essa dicotomia entre benefícios e malefícios é sempre questionável. Lupoli (2013) afirma que os benefícios vão depender da abordagem. Existem poucos dados e estudos realizados no Brasil, como confirmado por Makanse e Almeida (2014), fato

que explicita a necessidade de um maior aprofundamento sobre este tema na realidade brasileira.

O turismo de voluntariado, pode ser confundido com ações de voluntariado, podendo causar incertezas por parte daqueles que procuram a atividade (MENDES; SONAGLIO, 2013), sendo um desafio para as organizações comunicar o que elas realmente realizam, visto que muitas delas não informam detalhadamente seu fazer (TOMAZOS; BUTLER, 2011).

Segundo Lenci (2021), atualmente existem sete organizações que atuam com turismo de voluntariado em territórios da Amazônia Brasileira, sendo que destas, uma se enquadra como projeto social, enquanto as outras seis são empresas privadas que comercializam pacotes de expedições com este perfil.

Acerca da definição de turismo de voluntariado percebe-se inexistir um consenso entre os/as diferentes autores/as, como também entre as próprias organizações atuantes, onde são encontrados termos e nomenclaturas diferentes sobre a atividade, dificultando as buscas dos termos nas pesquisas: *volunteer tourism* (WEARING, 2001); *voluntourism* (WEARING; MCGEHEE, 2013); turismo de intercâmbio (DANTAS; BÁRCIA, 2017); férias voluntárias (LONELY PLANET, 2010); *volunteering*².

A partir do levantamento de Lenci (2021) com organizações que atuam com turismo em estados da Amazônia Brasileira, entre os significados que emergiram das conversas sobre o que é o turismo de voluntariado, foi observado que algumas delas, que promovem viagens de voluntariado no Brasil, se sentem incomodadas em relacionar suas ações com o segmento e preferem associar seus trabalhos ao TBC e com expedições pautadas em um discurso de boas práticas do turismo.

A mesma pesquisa observa que, mesmo aquelas que se denominam como atuantes no setor, tratam o assunto como sendo um jeito de fazer turismo que une a vontade de viajar com o fazer voluntário, sendo então uma forma organizada de realizar ações sociais enquanto se viaja. Nem sempre elas conseguem ter uma visão ampla do que pode vir a ser o turismo de voluntariado e os debates que emergem a partir das experiências existentes.

O turismo de voluntariado vem ocorrendo já há algum tempo no Brasil e em outros países, porém começou a ser mais discutido publicamente e por especialistas após notícias de jornais que trouxeram um olhar crítico para o tema. As reportagens trazem exemplos de projetos, em vários países, cujas ações, quando analisadas, não revelam ser pautadas em práticas humanitárias como dizem fazer, mas sim constituem um segmento do mercado turístico para países em desenvolvimento, com várias contradições trazidas ao debate (LENCI, 2021).

As contradições descritas mostram discrepâncias, incoerências e até oposições entre o que é realizado de fato, e o que se propõe a fazer e é divulgado e vendido como sendo turismo de voluntariado. Como exemplo podem ser citados, a partir de diversas fontes citadas por Lenci (2021)³: a) atividades pautadas em práticas humanitárias que movimentam um mercado de caridade em países em desenvolvimento que, para que a atividade de turismo continue a existir, é necessária a manutenção das condições de pobreza e problemáticas com as quais agências se propõem a atuar; b) atividades propostas em um sistema econômico que privilegia financeiramente as empresas e trazem vantagens transformadoras para os/as turistas voluntários/as, porém geram muito pouco resultado para as comunidades apoiadas;

c) o dinheiro pago pelos/as turistas, caso fosse doado às comunidades, poderia ser melhor aproveitado, incluindo o fato de não serem subtraídos os custos da realização da expedição e os custos operacionais e o lucro das empresas; d) atividades realizadas por turistas nem sempre aptos/as a fazê-las, podem ser mal feitas e precisarem ser refeitas. Algumas delas seriam melhor aproveitadas se o dinheiro investido na viagem fosse utilizado para a contratação de profissionais, em especial pessoas da comunidade, gerando empregos e renda locais; e) há relatos de as comunidades se tornarem dependentes das organizações beneficentes; f) surgimento de novos conflitos entre comunitários/as, os quais incluem novas perspectivas de poder e geração de desigualdades de vários tipos, além de quebras de laços culturais e de solidariedade existentes na comunidade local; g) o turismo é atividade sazonal, enquanto os problemas das e nas comunidades costumam ser contínuos. Por este motivo, as atividades geram resultados de curto prazo, pontuais e insuficientes e muitas vezes não têm continuidade; h) questões cruciais, básicas e permanentes necessárias para transformações significativas nas comunidades visitadas, nem sempre são conhecidas pelas empresas que focam em questões mais óbvias sem buscar tratar de políticas públicas importantes, promotoras de transformações e soluções para questões estruturantes.

São muitas as contradições como se pode ver acima, já observadas em diversas localidades. A missão do turismo de voluntariado é nobre, porém as atividades correlatas, muitas vezes por ingenuidade, não correspondem ao tamanho do problema. O turismo de voluntariado, ao se expandir enquanto segmento turístico, sem buscar resolver estas contradições e com elas aprender, pode incorrer em inúmeros problemas de maior ou menor gravidade e ser rechaçado, assim como já são conhecidos impactos do turismo em geral e as resistências a ele, tal como os movimentos tipo "Tourists, Go Home" que ocorrem em alguns destinos turísticos de massa.

Comunitários/as e voluntários/as, por razões diferentes, precisam uns dos outros/as para a satisfação de demandas subjetivas ou concretas diversas. Por este motivo, o trabalho solidário, seja ele nas áreas de saúde, educação, assistência e, mais recentemente, com turismo voluntário, dificilmente deixará existir, seja ele mediado ou não por organizações com ou sem fins lucrativos e suas idiossincrasias. As contradições apontadas por Lenci (2021) e outros/as autores/as por ela estudados, revelam dilemas importantes a serem tratados já que estão sendo promovidas atividades cujas premissas e práticas nem sempre convergem, estão alinhadas e coerentes para a obtenção dos resultados almejados.

Ainda existem muitas discussões acerca das definições e objetivos do setor. Ou seja, quanto maior o número de organizações atuantes, maiores são as dificuldades de sistematização de dados e de pesquisa, sobre o tema, por exemplo: identificar o papel da organização; as ações que serão realizadas; o papel do/a turista voluntário/a e os impactos do setor (WEARING; MCGEHEE, 2013), pois como sabemos, qualquer ação turística gera uma interferência no lugar visitado, que deve ser analisada no planejamento das ações.

Lenci (2021) observa que turistas e gestores/as realizam avaliações diferentes sobre as atividades. Enquanto turistas se mostram um pouco alheios às finalidades específicas do voluntariado, tendo dificuldades na compreensão da sistemática adotada, as agências e Organizações Não Governamentais (ONGs) que atuam com a atividade, dado as poucas experiências, análises e avaliações sobre elas, ainda não

tiveram a oportunidade de pensá-las e assim questionar feitos, avaliar as consequências, contradições e dilemas deste fazer, apontados por esta pesquisa.

Lupoli (2013) contribui com a discussão, ao explicitar sobre outro importante fator a ser analisado, relacionado ao foco dos benefícios. Trata-se de perceber, em cada ação, suas prioridades para que a experiência do turismo de voluntariado possa atingir seu potencial total. Segundo Lupoli (2013, p. 190):

Por exemplo, quando os viajantes voluntários obtêm benefícios pessoais, mas os vínculos não são formados com os locais de destino e os benefícios locais são mínimos, os voluntários podem ver a pobreza de maneira superficial, não entender suas raízes e se perceberem como salvadores em uma posição colonialista. Por outro lado, quando a ênfase excessiva é colocada na geração de benefícios locais mensuráveis, o poder transformador da experiência intercultural pode ser negligenciado e a experiência pode não promover uma maior compreensão das questões globais para os participantes.

Wearing e McGehee (2013) afirmam também que, para que o turismo de voluntariado tenha um caráter mais solidário e de sucesso, as práticas necessitam ser sustentáveis, porém precisam estar pautadas no aspecto social e no ambiental, para que, ao final, não se tornem práticas meramente comerciais e lucrativas.

No Brasil, não foram encontrados guias ou discussões mais aprofundados sobre o tema na perspectiva dos ecossistemas e comunidades brasileiras. O que se localizou foram informações em *sites* populares, como por exemplo, o texto publicado no portal IG em 2019 intitulado “Fazer trabalho voluntário durante a viagem é tendência: conheça o volunturismo”⁴, no qual há uma descrição do que é o turismo de voluntariado de forma breve, sem uma discussão mais densa sobre o tema.

Apesar dos desafios encontrados, esse aumento da procura por ações relacionadas ao turismo de voluntariado pode mostrar uma tendência das pessoas em quererem contribuir com os lugares visitados de forma mais atuante, minimizando os impactos do turismo de massa. O que se deve atentar é que toda ação turística gera impactos, e levar esse olhar para os atores envolvidos é de fundamental importância.

Foi proposta desta pesquisa, a partir da observação direta de uma atividade e da revisão da literatura sobre outras experiências e a avaliação destas provocar a reflexão sobre estes impactos e a necessidade de um repensar contínuo das atividades, em prol de sua melhoria.

Resultados e Discussão

O estudo acompanhou a expedição de uma empresa brasileira, privada, com sede em São Paulo - SP, do tipo negócio social, fundada em 2017 com a missão, segundo o representante entrevistado, de “conectar os voluntários com o Brasil através das viagens de volunturismo e diminuir a desigualdade no país”⁵.

Sua atuação é focada nas expedições de turismo de voluntariado e viagens com significado, com atividades turísticas diferenciadas e que realizam ações de mentoria visando o aprimoramento dos negócios sociais comunitários.

Para o representante local da empresa, o turismo de voluntariado objetiva causar um impacto no curto prazo, por meio da injeção de capital diretamente aos/às

empreendedores/as locais e realizar uma ação de impacto de médio e a longo prazo que constitui em empoderar as pessoas a partir do conhecimento vindo dos/as voluntários/as para que a comunidade possa ser protagonista e realizar um turismo de base comunitária por sua conta, sem precisar de mediadores/as externos/as.

O roteiro de atividades da expedição de turismo de voluntariado é dividido em oficinas e passeios para imersão na cultura e na biodiversidade local; atividades de voluntariado, intituladas “mentorias de negócios” ou capacitação profissional para negócios locais e a venda de artesanato pelas comunidades locais, realizada ao final das mentorias.

Observações sobre o roteiro de turismo de voluntariado em Acajatuba

No roteiro acompanhado, constatou-se que a expedição se constitui de uma programação turística contendo atividades pontuais de voluntariado. Isso é possível de ser visto na própria programação, quando dos quatro dias de expedição apenas em um deles aparecem as mentorias de negócios sociais com empreendedores/as locais.

Outro aspecto relevante observado é o quesito de preparação dos/as voluntários/as para realizarem ações nas localidades. Tomazos e Butler (2011) afirmam que uma das boas práticas por eles mapeadas é o treinamento e a preparação de voluntários/as para um real comprometimento com o território e com as ações solidárias, sendo que esse preparo nem sempre é realizado pelas organizações.

Freidus (2016), ao realizar um estudo com turistas voluntários/as a partir das experiências em orfanatos no Malawi, país do continente africano, observou a falta de preparo destes/as para as ações, como também olhares equivocados sobre a realidade local, pontuações estas que se alinham com a lógica dos impactos que podem ser gerados quando a atenção não está na comunidade, mas sim, na experiência dos/as turistas voluntários/as.

Já no caso aqui estudado, a empresa envia previamente materiais de apoio, como *links* de vídeos, *slides* explicativos e outros a serem utilizados durante a mentoria, porém ao longo da expedição foi possível observar que os/as turistas voluntários/as se sentiam despreparados/as, tanto na forma de condução das conversas, como também em relação ao tema trabalhado com os/as empreendedores/as locais, fato este que foi citado nas respostas ao questionário aplicado.

Dentre os aspectos de atenção observados durante o momento das atividades de voluntariado estão: a relação da forma da venda do pacote com a motivação e expectativas de voluntários/as durante a expedição; etapas do planejamento e construção dos projetos com a comunidade; objetivo das mentorias e seu real impacto; comunicação da empresa para com os diferentes atores sociais.

Desta forma, observar o processo de mentoria foi importante para compreender como as atividades ocorrem, suas etapas e como estes aspectos se interligam com os impactos das ações de turismo de voluntariado.

Uma das formas de se mapear esses impactos é entender como os/as turistas voluntários/as percebem as práticas realizadas, pois de acordo com Sin (2009) e Freidus (2016), o processo de voluntariado deve estar alinhado às necessidades e

planejamento da comunidade, consistindo numa construção de dentro para fora. Sem isso, pode-se gerar uma percepção naqueles/as que participam, de que somente os que são “de fora” detêm as informações, e estão ali para ensinar e para promover algum “desenvolvimento” regional. É importante cuidar para não tratar o processo com a abordagem extensionista/assistencialista de se levar conhecimento às comunidades, em vez de viabilizar as trocas entre saberes distintos e o aprendizado de todos/as envolvidos/as, não somente da comunidade local.

Afora isso, as informações e conteúdos oferecidos estão presos a uma determinada lógica mercantilizada, urbanizada, pautada em realidades distintas e que não necessariamente conversam ou interessam à comunidade, e, muito menos podem ser considerados melhores e necessários do ponto de vista local, sendo importante a análise sobre a pertinência ou não destes “ensinamentos”.

Entendendo que uma das propostas da empresa é a de que o turismo de voluntariado seja uma forma de melhorar a condição de vida da população local da região, foi perguntado aos/as voluntários/as como percebem o resultado de suas ações em relação a atingir o objetivo da empresa.

Dos/as 47 voluntários/as presentes na expedição 35 responderam ao questionário. Dentre estes, 26 (74,28%), trouxeram, em algum ponto do seu discurso, a ideia de que a melhoria se dá por meio do “Desenvolvimento da comunidade através do acesso à informação e as trocas realizadas na mentoria” ou “Através do incentivo ao empreendedorismo e ao crescimento dos negócios locais para geração de renda na comunidade”.

Frases como estas a seguir, foram selecionadas dos questionários aplicados aos/às turistas: “Desenvolver a comunidade, através do aprendizado que até então era distante”; “Crescimento e desenvolvimento dos locais”; “Podemos ser um despertar de informação que para a comunidade não é de fácil acesso ou entendimento”; “De uma forma pudemos contribuir com algum conhecimento para que eles juntos sejam mais fortes”.

É perceptível que, apesar das boas intenções, os/as turistas voluntários/as ainda têm uma visão das comunidades ribeirinhas como pessoas sem, ou com pouco conhecimento, o que traz a discussão sobre o imaginário comum em relação a Amazônia e sua gente (COELHO, 2021; PEREIRA *et al.*, 2012).

Empresas e agências precisam estar atentas a estes aspectos para que possam aproveitar o trabalho para desmistificar e ampliar essa visão que os/as turistas, em geral, têm e com a qual as próprias empresas de turismo podem estar corroborando para a manutenção desta imagem e percepção sobre comunitários/as como relatado por Manfredo (2017).

Apesar dos pontos considerados como melhoria pelos/as entrevistados, foi possível observar que a empresa se preocupa em aprimorar sua atuação, porém ainda precisa se estruturar para avaliar e planejar suas ações, considerando seus objetivos e pautada no desenvolvimento sustentável local como prioridade. Uma maior atenção e consideração no preparo das atividades junto às comunidades e aos/às turistas pode trazer ao planejamento as percepções de comunitários/as e com isso ajustar temas e formas de tratá-los de forma dialógica, contemplando os pontos de vista de todos/as, permitindo o aprendizado dos/as turistas, com saberes oriundos da comunidade, em uma via de mão dupla.

Percepções da comunidade de Acajatuba

Durante a expedição, para compreender a percepção da comunidade local sobre as atividades da empresa, foram entrevistados/as cinco representantes comunitários. De suas falas, foram selecionados aspectos mencionados quanto à potencialidade e os desafios do turismo de voluntariado. Os/as entrevistados/as entendem que a empresa pode melhorar nas próximas expedições, como mostrado no Quadro 1.

Quadro 1: Percepção dos/as representantes da comunidade local sobre as ações da empresa de volunturismo.

Frame 1: Perception of local Community representatives on the actions of the voluntourism company.

Comunitária/o entrevistada/o	Potencialidades das ações da empresa	Desafios das ações da empresa
Comunitária 1	<ul style="list-style-type: none"> - Divulgação da região; - Impacto positivo intrapessoal e interpessoal; - Aprendizado; 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar outros temas com a comunidade; - Relação com novos/as integrantes nas mentorias; - Atuação dos/as voluntários/as;
Comunitária 2	<ul style="list-style-type: none"> - Geração de renda; 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação com novos/as integrantes nas mentorias; - Atuação dos/as voluntários/as;
Comunitário 3	<ul style="list-style-type: none"> - Maior movimentação de turistas; - Abertura de novos empreendimentos; - Aprendizado; 	<ul style="list-style-type: none"> - Não observa nenhum;
Comunitária 4	<ul style="list-style-type: none"> - Abertura de novos empreendimentos; - Impacto positivo interpessoal; - Aprendizado; - Melhora na gestão dos empreendimentos; - Valorização da região pelos/as moradores/as locais; 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação com novos/as integrantes nas mentorias; - Atuação dos/as voluntários/as; - Comunicação da empresa sobre as mentorias;
Comunitário 5	<ul style="list-style-type: none"> - Melhora na gestão dos empreendimentos; - Parceria entre moradores/as e empresa; 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer parcerias com outras empresas, governos, atores locais;

Fonte: elaborado com base nas visitas *in loco* (2020).

Source: based on visits *in loco* (2020).

Dentre os benefícios apontados pelos/as comunitários/as, o ponto “geração de renda” foi mencionado. Brightsmitha *et al.* (2008) e Benson e Henderson (2011), ao relatarem que o turismo de voluntariado pode ser uma porta para novas alternativas de renda dentro de uma comunidade, corroboram com esta visão.

Benson e Henderson (2011) também citam como um dos ganhos do turismo de voluntariado, a capacitação e o desenvolvimento da comunidade e, consequentemente, uma maior participação social. Os benefícios observados pelos autores também são mencionados pelos/as comunitários/as, porém aparecem de forma não conectada, representada pelos pontos de “aprendizado” e “relação interpessoal”. Em

nenhum momento é citado pelos/as comunitários/as o aumento da participação social da comunidade após as mentorias da empresa, como sendo um benefício.

Entendendo a limitação desta pesquisa, para que, de fato, se possa afirmar se existe ou não uma maior participação da comunidade após as mentorias, se faz necessário investigar as relações na comunidade. Segundo Lenci (2021), observa-se que as ações da empresa têm potencial para gerar esse e outros benefícios.

A constatação no sentido de que as ações de turismo de voluntariado podem contribuir com a mitigação de impactos ambientais e culturais considerados negativos, não aparece de forma explícita na percepção de comunitários/as. Há relatos, sim, sobre a valorização da região após as ações, observando-se que já existe uma possível contribuição das expedições que geram este benefício (COGHLAN, 2005; BRIGHTSMITHA, STRONZAB; HOLLEC, 2008; BENSON; HENDERSON, 2011).

O turismo, quando realizado de forma sustentável e com a participação da comunidade, pode gerar benefícios tanto ambientais, quanto culturais, pela maior valorização das regiões e, ao tratar dos modelos de solidariedade, o turismo alinhado ao voluntariado pode levar a uma movimentação social em busca de uma colaboração comunitária para mudanças a longo prazo (MACEDO, 2011).

Os/as comunitários/as relataram a necessidade de as empresas comunicarem melhor os objetivos das mentorias e de reforçarem a importância do respeito entre os/as próprios/as comunitários/as, com a prática de um comércio justo, diferentemente do que muitos deles percebem que acontece. Foi observado que está ocorrendo competição entre empreendedores/as, por venderem ou oferecerem o mesmo produto/serviço a preços diferentes aos/às voluntários/as, fato este que estaria afetando as relações entre comunitários/as, constituindo novo conflito.

Segundo Minari e Rabinovici (2014) ONGs, empresas e demais atores interessados em apoiar e melhorar a realidade e a qualidade dos projetos e atividades de turismo com comunidades, devem dar maior atenção à participação comunitária, em especial, enfatizando o processo de construção de ideias, encaminhamentos e tomadas de decisão, com *“foco no processo e não somente no resultado, pois o processo garante o aprendizado, a mobilização e engajamento verdadeiros, o desenvolvimento a partir da essência da comunidade e a inovação contínua...”* (...) *“acima de tudo, a criação de um espaço dialógico seguro, consistente e verdadeiro”* (p. 62).

Outro ponto relatado por dois/duas comunitários/as entrevistados/as foi a necessidade que estes/as têm de a empresa apoiá-los/as em outros contextos, visto que ao ampliar a demanda turística, aumenta a necessidade de comunitários/as ofertarem serviços, porém estes esbarram em práticas de conservação e proteção ambiental para as quais precisam de apoio para lidar. Eis mais um dilema que surge e reaviva o debate sobre impactos do turismo, à medida que há demanda por novos serviços que podem gerar renda, no entanto, ao mesmo tempo, impactar o local de forma a ameaçar sua conservação e proteção ambiental. Desta forma, a depender do ponto de vista, tais mudanças serão consideradas positivas ou negativas, gerando renda, impactos culturais, sociais e ambientais e podendo incorrer em geração de desigualdades ligadas à questão de gênero, idade e outros, que são conflitos novos possíveis decorrentes do turismo, conforme descreveu Rabinovici (2009). Tais transformações são potencializadores de gerar novos conflitos entre os/as envolvidos/as com mudanças relativas à renda e/ou na conservação, a partir de suas

concepções e interesses sobre tais assuntos, podendo levar a quebras e rupturas na comunidade, conforme forem sendo realizados os processos de tomada de decisões.

Este fato evidencia uma visão de que a comunidade percebe a empresa como apoiadora e parceira, não só no turismo, mas também noutros campos de atuação. Vale a discussão sobre como as empresas que atuam nestas comunidades, podem apoiar, não somente com a geração de renda, incluindo a criação de redes para que estas possam construir, em colaboração, este caminho sustentável para a comunidade, no turismo e em outras atividades que possam vir a ter.

É importante refletir sobre o entendimento de todos os atores sociais sobre as possíveis ciladas e as premissas do turismo de voluntariado e como isso afeta os diferentes atores, a fim de que as organizações repensem o seu planejamento, os impactos de curto, médio e longo prazo das suas ações e questionem se o turismo de voluntariado é uma opção ou se é a melhor ou mais adequada escolha. Não há dúvidas de que ter a comunidade local atuando em conjunto é fundamental para que esses dilemas e desafios sejam cada vez mais pensados, dialogados, discutidos e amadurecidos.

Considerações finais

O setor do turismo mesmo sendo considerado historicamente como uma “indústria” limpa, geradora de divisas é também fonte de inúmeros impactos sociais e ambientais, tendo o lucro como o principal fator motivador, orientado a partir de um viés mercadológico com a comercialização de paisagens naturais e de culturas.

Entre diversas tendências, segmentações mercadológicas e experiências, o turismo de voluntariado se propõe a unir ações de turismo com as de impacto social e ambiental. Por meio das expedições realizadas, o/a viajante, pode realizar uma ação social com objetivo de deixar um impacto positivo no local e/ou nas pessoas das comunidades. A classificação do impacto como sendo positivo ou negativo se dá, geralmente, conforme o olhar, nem sempre preparado, para pensar de forma mais global e com base nos conhecimentos necessários para calcular os impactos e transformações sob diversas óticas e a curto, médio e longo prazos.

A pesquisa não objetivava identificar indicadores de avaliação de impactos, nem mesmo formas mais amadurecidas de mensurá-los nas ações de voluntariado mediadas pelo turismo de voluntariado, porém, entre suas conclusões, fica evidente a necessidade de avaliação das atividades, com a escolha ou construção de indicadores quanti e qualitativos. Essa ação é importante para mensurar e pensar sobre os impactos e transformações promovidos pelas atividades.

Entre tantas contradições possíveis destas atividades, nesta experiência, foi constatada a valorização do ensino do empreendedorismo para a comunidade, a partir do entendimento da empresa de que esta seria uma demanda local a ser ensinada por turistas que, nas entrevistas disseram estar despreparados/as para tal fim. Isso traz a luz a importância da qualificação dos/as proponentes das atividades sobre as comunidades e o seu futuro, buscando conhecer o que elas entendem por sustentabilidade nos seus diversos aspectos: econômico, social, ambiental, cultural entre outros.

Ao buscar associar a lógica das ações voluntárias ao setor do turismo com a venda de pacotes de serviços, insere-se a perspectiva solidária no contexto da mercantilização. Dessa forma é possível observar, nas diferentes definições e

organizações atuantes com o turismo de voluntariado, que o aspecto da solidariedade se torna um atrativo a mais para quem quer aliar viagem a uma ação solidária, com trabalho voluntário mediado por organizações e agências de turismo.

A partir do levantamento de informações acerca da definição de turismo de voluntariado, nota-se que não existe um consenso entre os/as diferentes autores/as e entre as organizações atuantes. Evidencia-se a importância de aprofundamento sobre o tema, visto que pouco ainda se conhece sobre o assunto e suas práticas no Brasil. Há também o desafio devido ao fato de as organizações de turismo de voluntariado utilizarem nomenclaturas e compartilharem visões diferentes sobre o fazer o que, se por um lado é positivo para ampliação das experiências e ideias, por outro dificulta entendimentos.

Como forma de fortalecer o debate sobre o turismo de voluntariado no Brasil, mais especificamente na Amazônia Brasileira, o presente estudo trouxe elementos para pensar os desafios e as contradições existentes na atividade a fim de ampliar o debate e contribuir com pesquisas futuras.

Constatamos que as expedições possuem uma agenda mais turística e com atividades pontuais de voluntariado e que os/as comunitários/as valorizam a atividade reconhecendo aspectos positivos. A atenção parece estar mais voltada à experiência do/a turista com suas inúmeras motivações e projeções, entre elas estão a satisfação pessoal e profissional. Estas motivações estão, muitas vezes, relacionadas à aspectos do modo de vida urbano, capitalista e autocentrado e, até certo ponto, servem para o preenchimento de vazios e carências comuns observadas na contemporaneidade, incluindo a captação de imagens das atividades para exposição em redes sociais, currículos em busca de aceitação e de autovalorização individual.

Pela empresa, há uma entrega daquilo que se propõe e que é divulgado, no entanto, é possível questionar o quanto da satisfação mencionada pelos/as comunitários/as está, de fato, relacionada ao trabalho da mentoria ou se dá por causa da venda de produtos e serviços realizada a cada expedição, considerando alternativas e as realidades econômicas locais. É preciso repensar alguns modelos de atuação, programação, roteiro e prioridades e até entender melhor esses impactos para serem maximizados ou minimizados.

Entre os desafios, está o de lidar com as expectativas diante da atuação das empresas em relação às outras questões presentes na realidade local, especialmente no tocante aos necessários diálogos com esferas governamentais devido às constantes medidas que interferem na realidade local. Uma possibilidade de atender a esta demanda é o convite de especialistas nos assuntos destacados, como por exemplo, advogados/as, contadores/as, assistentes sociais, profissionais da saúde entre outros/as, a fim de apoiar e orientar a comunidade. Isso difere do que é realizado no caso estudado, com voluntários/as de idades, profissões e especialidades variados. Tal articulação é possível e desejável e pode ser realizada mediante diálogos, convites, chamados e editais, conforme o caso. Algumas empresas reconhecem essa possibilidade e têm buscado atuar com atividades específicas, especialmente na área de saúde.

A percepção de turistas da expedição em relação ao turismo de voluntariado é, independente das críticas apresentadas, positiva. Porém ainda existem lacunas e algumas contradições nas suas motivações, podendo ser causadas pela falta de informação e diferentes compreensões sobre o tema.

Ao se planejar atividades, há que se incorporar no produto e objetivos, questões que possam, de fato, impactar a comunidade, trazer respostas às demandas, dilemas e desafios apresentados.

O turismo na Amazônia, embora numericamente seja considerado de pouca relevância⁶ (em termos numéricos, mas também em indicadores econômicos como costuma ser medido), tem se constituído em enorme potencial de conexão entre diversos atores, permite a criação e a significação da Amazônia no imaginário coletivo e pode vir a ser um novo conteúdo territorial, conforme expressão utilizada por Sansolo (2001) quando afirma que a Região Amazônica é “*um território que já adquiriu vários conteúdos em diversos momentos da história política e econômica Brasileira*” (p. 40) sendo o turismo ali “*um novo conteúdo de inserção do território amazônico, ao cenário econômico nacional e internacional*” (p. 42) e que “*revela as novas formas de organização e apropriação do território amazônico*” (p. 39). Para o autor, tais conteúdos são dados a partir das lutas de resistências locais e das globais, conectando o lugar e o mundo na luta pela “*sobrevivência da humanidade e valorização da natureza*” (p.41).

Notas

¹ <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/iranduba.html>>. Acesso em setembro/2021.

² <<http://www.ethicalvolunteering.org/about.html>>.

³ Diversas reportagens mencionam os aspectos citados neste parágrafo, entre elas: CAPARRÓS, M. Volunturismo: o risco do turismo de voluntariado que movimentou milhões. El País, Brasil, 20 de dez. 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/11/eps/1544541087_701313.html> Acesso em mar. 2021.

COUGHLAN, S. O que é turismo de orfanato e porque a autora de Harry Potter pede seu fim. BBC news, 28 de outubro de 2019. Disponível em <<https://www.uol.com.br/nossa/viagem/noticias/bbc/2019/10/28/o-que-e-o-turismo-de-orfanato-e-porque-a-autora-de-harry-potter-pede-seu-fim.htm>> Acesso em mar. 2021.

ROSENBERG, T. The business of voluntourism: do western do-gooders actually do harm? The Guardian, 13 de set. 2018. Disponível em <<https://www.theguardian.com/news/2018/sep/13/the-business-of-voluntourism-do-western-do-gooders-actually-do-harm>> Acesso em mar. 2021.

⁴ <<https://turismo.ig.com.br/manual-do-viajante/2019-02-10/o-que-e-volunturismo.html>>. Acesso em janeiro de 2022.

⁵ Para saber mais recomenda-se a leitura da dissertação já mencionada de Flávia Silveira Lenci, 2021.

⁶ Considerando o ano de 2019, antes do turismo ser afetado pela pandemia do Novo Coronavírus, o estado do Amazonas, recebeu 624.744 turistas dos 6,4 milhões de chegadas de turistas internacionais ao Brasil, no mesmo ano (Amazonastur, 2020. Disponível em: <<http://www.amazonastur.am.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/Movimenta%C3%A7%C3%A3o-e-Characteriza%C3%A7%C3%A3o-dos-Turistas-AM-2020-1.pdf>>;. O Brasil recebeu 0,43% do volume de turistas mundial enquanto a Espanha recebeu 83,5 milhões de turistas (Anuário Estatístico de Turismo <[https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/anuario-estatistico/anuario-estatistico-de-turismo-2020-ano-base-2019-1/Anuario Estatístico de Turismo 2020 Ano Base 2019 2ed compressed.pdf](https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/anuario-estatistico/anuario-estatistico-de-turismo-2020-ano-base-2019-1/Anuario%20Estatistico%20de%20Turismo%202020%20Ano%20Base%202019%202ed%20compressed.pdf)>.. No Brasil, a soma dos estados de SP, MG, RJ, RS e BA é responsável por receber 50% dos turistas brasileiros. Somados a estes estados o PR, PE, SC e GO, a porcentagem sobe para 70%.

Referências

- BENSON, A. M.; HENDERSON, S. A strategic analysis of volunteer tourism organizations. **Service Industries Journal**, v.31, n. 3, p. 405-424, 2011.
- BORGES, S. H.; PINHEIRO, M. Preservação do Rio Negro: as Unidades de Conservação. *In*: OLIVEIRA, A. A.; DALY, D. C. **Florestas do Rio Negro**. São Paulo: Companhia das Letras: UNIP, 2001.
- BRIGHTSMITHA, D. J; STRONZAB, A; HOLLEC, K. Ecotourism, conservation biology, and volunteer tourism: A mutually beneficial triumvirate. **Biological Conservation**, n. 141, p. 2832-2842, 2008.
- CAMARA, R. B.; LIMA, R. N. Turismo: Múltiplos espaços no contexto contemporâneo. (In) BELFORT, C; CUTRIM, K. D. G; CAMARA, R. B. (Orgs). **Espaço, turismo e cultura**. São Luiz: Edufma, 2017. 190p.
- COELHO, D. B. Amazônia animada: a representação da região amazônica no cinema de animação brasileiro. **Dissertação** (Mestrado em Artes) Pontifícia Universidade Católica - Rio. Rio de Janeiro, 2012.
- COGHLAN, A. Towards an understanding of the volunteer tourism experience. 2005, 367f. **Thesis** submitted for the degree of (Doctor of Philosophy in the Tourism Program), James Cook University, Queensland, 2005.
- DANTAS, J. C. S.; BÁRCIA, L. C. Agências de viagens no Brasil e turismo voluntário. Revista acadêmica: **Observatório de Inovação do Turismo**, v. 11, n. 1, p. 37-52, 2017.
- FREIDUS, A. L. Unanticipated outcomes of voluntourism among Malawi's orphans. **Journal of sustainable tourism**, v. 25, n. 9, p. 1 - 16, 2016.
- HOLMES, K. Volunteers and tourism. *In*: CORREIA, A.; DOLNICAR, A. (ed.). **Women's voices in tourism research: Contributions to knowledge and letters to future generations**. Brisbane, Australia: The University of Queensland, 2021, 668p.
- LENCI, S. F. Contradições e dilemas do turismo de voluntariado: o caso no Lago do Acajatuba, na Amazônia Brasileira. 2020. 163f. **Dissertação** (Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, Diadema, SP, Brasil, 2020. Repositório Unifesp. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/62101>
- LONELY PLANET. **Volunteer: A Traveller's Guide to Making a Difference Around the World**, 2010. Disponível em <<http://media.lonelyplanet.com/pdfs/volunteer-book.pdf>> Acesso em nov. 2020
- LUPOLI, C. A. Volunteer Tourism: A Catalyst for Promoting Community Development and Conservation. 2013, 244f. **Dissertation** (Doctor of Philosophy) - Graduate Faculty of Auburn University, Alabama, 2013.
- MAKANSE, Y; ALMEIDA, M. V. Turismo e voluntariado: Estudo sobre a experiência solidária no âmbito do turismo. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 4, n. 1, p. 35-41, 2014.
- MANFREDO, M. A. Turismo na Amazônia: elementos culturais, conflitos e imaginários envolvendo a região de Manaus. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- MARQUES, A. M. A oferta do volunturismo no Brasil: uma análise do posicionamento das agências que atuam no segmento. 2017. 89 p. **Trabalho de conclusão de curso** (Bacharelado em Turismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

- MENDES, T. C.; SONAGLIO, K. E. Volunturismo: uma abordagem conceitual. **Revista Turismo Visão e Ação**, v. 15, n.2, p. 185 - 205. 2013.
- MINARI, M.L.; RABINOVICI, A. Diálogo, participação e projetos de turismo com comunidades em Unidades de Conservação na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.7, n.1, fev 2014-abr 2014, p.44-66.
- NASCIMENTO, R. C. Turismo e Voluntariado: um estudo sobre as publicações em revistas científicas nacionais e internacionais. **Turismo em Análise**. v. 23, n. 2, p. 265-285, 2012.
- PEREIRA, L. N.; ANJOS, F. A.; VIEIRA, R. Destinações turísticas na Amazônia: as relações entre morfologia urbana e atratividade da destinação turística. **Revista Turismo Visão e Ação - Eletrônica**, v. 14, n. 3, p. 419-435, 2012.
- PGRDS. **Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro**. Volume I e II. Manaus - AM, 2016. Disponível em <http://meioambiente.am.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/PGRDS-RioNegro-2017_Vers%C3%A3o-inrev.pdf> Acesso em 12 abr. 2021.
- RABINOVICI, A. Organizações não governamentais e turismo sustentável: trilhando conceitos de participação e conflitos. 2009. 311 p. **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280526>> Acesso em 12 abr. 2021.
- SANSOLO, D. G. Turismo e sustentabilidade na Amazônia: um novo conteúdo territorial e a experiência no Município de Silves, Amazonas. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Vol. 1 Nº 1 págs. 39-50. 2003.
- SILVA, S. C. P.; TELLO, J. C. R.; PEREIRA, C. F.; PEREIRA, M. C. G. Ferramenta de planejamento participativo para o desenvolvimento de atividades ecoturísticas em uma comunidade amazônica. **Revista GeoAmazônia**, v. 8, n. 15-16, p. 26 - 49, 2020.
- SIMONETTI, S. R. Turismo no Rio Negro: pelos caminhos das representações sociais dos comunitários do Lago do Acajatuba e da Vila de Paricatuba (Iranduba - AM). **Tese** (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.
- SIN, H. L. Volunteer Tourism – Involve Me and I Will Learn?. **Annals of Tourism Research**, v. 36, n. 3, p. 480 – 501, 2009.
- STANTON, H. A segmented volunteer tourism industry. **Annals of Tourism Research**, Elsevier, vol. 61, p. 256-258, 2016.
- TOMAZOS, K.; BUTLER, R. Volunteer tourism: the new ecotourism?. **Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research**, v. 20, n.1, p. 196 - 2011.
- WEARING, S. **Volunteer tourism: Experiences that make a difference**. Wallingford: CABI. 2001. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=6VRrdFoCCDwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 15 out. 2020.
- WEARING, S.; MCGEHEE, N. G. Volunteer tourism: a review. **Tourism Management**, v. 38, p. 120-130, 2013.

Flávia Silveira Lenci: Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: flavia.slenci@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9702655503756677>

Andrea Rabinovici: Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: arabinovici@unifesp.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4506171831521594>

Data de submissão: 06/05/2022

Data de recebimento de correções: 29/07/2022

Data do aceite: 29/07/2022

Avaliado anonimamente